

O processo de internacionalização na educação superior na perspectiva da complexidade

Suzana Schwartz¹
Mauricio Aires Vieira²
Flavia Covalesky Rodrigues³

Resumo

A internacionalização na educação superior pode contribuir para qualificar os processos de ensino, de aprendizagem, de pesquisa, de extensão, de mobilidade, de cooperação, de produção, compartilhamento de conhecimento e de gestão nas universidades públicas. O texto, direcionado para pesquisadores iniciantes, tem por objetivo resgatar conceitos relacionados ao tema, identificando convergências e divergências, refletindo e analisando criticamente alguns dos desdobramentos do processo nas Instituições de Educação Superior, utilizando os princípios da complexidade propostos por Edgar Morin para sugerir alternativas de incremento de ações produtivas voltadas para o uso de sua potencialidade. A metodologia do estudo foi com base na revisão da literatura sobre o tema, categorizando divergências/convergências, buscando compreender e explicar conceitos e suas articulações com ideologias e/ou concepções teóricas. Concluímos que o impacto da globalização sobre as instituições de ensino superior se reflete na ampliação do fenômeno da internacionalização e que essa é uma realidade no contexto mundial.

Palavras-chave: Internacionalização - conceitos - convergências/divergências

Abstract

Internationalization in higher education can contribute to qualify the teaching, learning, research, extension, mobility, cooperation, knowledge production, sharing and management in public universities. The text, aimed at beginning researchers, aims at retrieving concepts related to the theme, identifying convergences and divergences, reflecting and analyzing critically some of the developments in higher education institutions, using the principles of complexity proposed by Edgar Morin to suggest alternatives of productive actions aimed at the use of its potential. The methodology of the study was based on the literature review on the topic, categorizing divergences / convergences, seeking to understand and explain concepts and their articulations with theoretical ideologies and /or conceptions. We conclude that the impact of globalization on higher education institutions is reflected in the expansion of the phenomenon of internationalization and that this is a reality in the global context.

Key-Word: internationalization, conceptions, convergences/divergences

¹ Professora Adjunta Universidade Federal do Pampa - Doutora em Educação PUCRS.

² Vice-Reitor Universidade Federal do Pampa –Doutor em Educação – PUCRS.

³ Técnica Assuntos Educacionais UNIPAMPA - Doutoranda em Educação UFSM

Sobre a internacionalização

A expansão da dimensão internacional da educação superior, mais do que uma opção, é uma responsabilidade de todas as instituições para todos os programas (Declaração da Unesco, 1998)⁴.

A internacionalização na educação superior é um processo complexo e dialógico (MORIN, 2000)⁵ que se concretiza em diferentes ações, envolvendo diversos atores, oportunizando interações com a cultura local, contribuindo para ampliar a “leitura do mundo” dos sujeitos (FREIRE, 1998), para o avanço/qualificação da produção de conhecimento, para a aprendizagem da convivência/respeito à diversidade, para a divulgação das ações efetivadas em âmbito global, ampliando a dimensão internacional conforme sugerido pela UNESCO na introdução desse texto.

Sobre o conceito, Arum e Van de Water (1992, p. 202) percebem como “múltiplas atividades, programas e serviços que cabem dentro dos estudos internacionais, intercâmbio educativo internacional e cooperação técnica”. Posteriormente, Van der Wende (1997, p.18) ampliou o conceito, percebendo que “qualquer esforço sistemático encaminhado a fazer com que a educação superior responda aos requerimentos e desafios relacionados com a globalização das sociedades, da economia e dos mercados” tem relação com a internacionalização.

A Associação Internacional de Universidades (International Association of Universities- IAU)⁶ dividiu a internacionalização em três aspectos relativos a: 1) mobilidade de estudantes e o fortalecimento da colaboração em pesquisa internacional; 2) mobilidade de membros de faculdades, desenvolvimento internacional de projetos e programas acadêmicos conjuntos; 3) aos processos de importação/exportação de programas educativos, criação de campus satélites, atividades extracurriculares para estudantes internacionais, cursos de curta duração.

No Brasil, o debate sobre a internacionalização da educação superior surgiu no final dos anos 1990, quando a Capes (Coordenação de Pessoal de Nível Superior)

⁴ Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129766por.pdf> acessado em 25/09/2018.

⁵ Princípio que expressa a existência da “unidade complexa entre duas lógicas, entidades ou instâncias complementares, concorrentes e antagônicas que se alimentam uma da outra, se completam, mas também se opõem e combatem.” (MORIN, 2000).

⁶ Disponível em <https://iau-aiu.net/> acessado em 28/05/2018.

incentivou o estabelecimento de padrões internacionais de avaliação das atividades de pós-graduação e das pesquisas dela decorrentes desenvolvidas pelas Instituições Públicas. Tais demandas geraram mobilizações e debates, originando balizadores das mudanças inerentes a internacionalização no meio acadêmico brasileiro.

Antes dos anos noventa, era utilizado o termo “educação internacional”, referindo atividades como estudos no exterior, orientação de estudantes estrangeiros, intercâmbio de estudantes e/ou de servidores/funcionários entre universidades. Ao longo do tempo, foi havendo uma transição gradual no uso de “educação internacional” para “internacionalização da educação superior”.

Como já comentamos, o termo “internacionalização” abarca diversas áreas, incluindo dimensões distintas, diferentes prioridades, desencadeando convergências e divergências contextuais, dificultando a elaboração de uma definição única e de estratégias norteadoras passíveis de generalização/autônoma.

Um aspecto a ser considerado é que há abordagens diferentes para a internacionalização das IES, que caracterizam o fenômeno de maneiras complementares e, às vezes, antagônicas. Esse modo de classificar o processo, por abordagens, pode contribuir para que as instituições identifiquem, selecionem, priorizem estratégias, desenvolvam alternativas de acompanhamento e avaliação para cada ação desenvolvida. Essas abordagens geralmente variam, de acordo com o interesse das partes, sendo direcionadas para atividades, resultados, motivações, processos, características (KNIGHT, 2010).

Convergindo para esse modo de abordar o fenômeno, Quiang (2003)⁷, percebe a internacionalização como um recurso para qualificar as as ações, definindo o processo como esforços sistemáticos direcionados a sensibilizar a educação superior para as demandas, limites, possibilidades da instituição local, articuladas com a globalização, ao encontro do que afirmava Tchevov (1860-1904) “canta tua aldeia que cantarás o mundo”.

O incentivo e o desenvolvimento dos processos de internacionalização no contexto acadêmico pode contribuir, na prática, na qualificação dos processos de ensino e de aprendizagem na educação superior. E, de acordo com Morosini (2015, p.75), “a

⁷ Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.2304/pfie.2003.1.2.5> acessado em 28/05/2018.

instituição universitária, nesse quadro, desempenha papel ímpar no processo de integração cidadã [...]”.

Uma das evidências de sua importância, é que passou a ser utilizada como indicador de avaliação das Instituições de Educação Superior (IES), contribuindo (ou não) para um melhor posicionamento entre as universidades, encaminhando para uma maior projeção institucional, acesso a mais investimentos, acréscimo de qualidade nos critérios avaliativos demandados para concorrer a bolsas oferecidas pelos órgãos de fomento, dentre outros benefícios (BIZON, 2013).

Nóvoa (2015) sintetiza a importância desse fenômeno com a ideia de que o tema se refere a essência da universidade - a universalidade - “projeta-nos em mundos e diálogos, sem os quais não há conhecimento (p. 68)”.

As IES tem valorizado as contribuições do processo, alcançado com o compartilhamento de capital humano, científico, cultural, que tem abreviado caminhos para planejar, desenvolver, avaliar, selecionar alternativas de soluções para problemas comuns, que “não reconhecem fronteiras”, cujas soluções podem ser dependentes/autônomas (MORIN, 2000⁸) de conhecimento e ações coletivas.

A perspectiva da complexidade é embasada nas ideias de Edgar Morin, que define complexo como o que se tece em conjunto, articulando vários fios, considerando a necessidade da contextualização dos acontecimentos/fatos/informações/fenômenos, para alcançar sua explicação/compreensão, pois não ocorrem isoladamente, é preciso analisar as partes e o todo, bem como suas inter-relações. “Compreender a complexidade, a importância da diversidade, do universal, da relativização e do respeito à diferença e da pluralidade do ser humano exige um olhar generoso, rigoroso...” (SILVA, 2017)⁹

A teoria da complexidade, reconhece o enredamento da relação sujeito/objeto, ordem/desordem, percebendo, em si uma zona obscura, irracional, abrindo-se ao acaso, à desordem, à incerteza, à incompletude. É dialógica, porque opera com macroconceitos recursivos, ou seja, grandes unidades teóricas de caráter complementar, concorrente e antagônico.

⁸Princípio da autonomia/dependência (auto/organização) percebe que, enquanto cada sistema tem sua dinâmica, esta é estabelecida em uma relação de dependência com o contexto de inserção.

⁹ Disponível em <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/tag/edgar-morin/> acessado em 25/09/2018.

O paradigma da complexidade (que se opõe ao paradigma da simplificação) encaminha um pensamento complexo que, de acordo com Morin (2000), aceita que fenômenos são ao mesmo tempo, complementares, concorrentes e antagônicos, enfrentando a contradição por várias vias. É um esquema de pensamento que liga os conhecimentos separados considerando que o conhecimento é pertinente quando situado no seu contexto e na globalidade. Ligar, contextualizar, precisam ser ações de reconstrução/explicação/compreensão do conhecimento. Tendo comentado, brevemente, a complexidade, voltamos nosso olhar, utilizando as lentes desse paradigma, para o fenômeno da internacionalização.

Nesse contexto, nas últimas décadas, a educação superior no Brasil vivenciou processos de interiorização, de expansão da oferta de cursos, de vagas para estudantes, professores, servidores, gestores. A Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Instituição de Ensino Superior multicampi, localizada ao sul do Rio Grande do Sul, região fronteira com a Argentina e o Uruguai, é um exemplo disso. Sua localização geográfica favorece o processo de internacionalização, oportunizando que, através da convivência entre os moradores da região, os estudantes, naturais ou não das cidades sedes, professores, técnicos oriundos de diferentes regiões do país, viabilizem diferentes tipos de intercâmbios culturais.

Percebendo o potencial e a riqueza dessas interações, a UNIPAMPA promoveu políticas educacionais inovadoras que incentivam o ingresso dos estudantes, como o Processo Seletivo Fronteiriço, edital específico para candidatos de nacionalidade uruguaia e argentina que vivem na Região de Fronteira, concordando com Nóvoa (2015) que a “internacionalização deve iniciar pela proximidade geográfica, cultural, linguística, histórica” (p.70), que complementa “[...] a internacionalização é uma viagem, um caminho que começa em nós, nas nossas proximidades, e se vai alargando a outros mundos” [...] (Idem, p.71)

Tendo explicitado alguns aspectos inerentes ao conceito de internacionalização, suas características e historicidade, encerramos essa parte do texto, com a ideia de Morosini (2015, p. 78) que sintetiza nosso modo de considerar esse fenômeno, “hoje a internacionalização universitária, meio para a educação superior como bem público e pertinente, almeja não só o acesso, a permanência do estudante e sua graduação, mas a equidade”.

Sobre outros conceitos que perpassam o tema

“As palavras nos conceituam, dizem o que queremos e o que não queremos...” (FREIRE, 2003)¹⁰

Para compartilhar um artigo que pretende refletir criticamente sobre algum fenômeno, acreditamos ser necessário explicitar conceitos que perpassam o tema abordado, pois concordamos com Guedes (2007), que afirma que para dialogar com o texto é fundamental que o leitor saiba com quem está falando e porque deve se envolver nessa conversa.

Essa explicitação é necessária porque muitas palavras utilizadas, especialmente nas ciências humanas, são polissêmicas, oportunizando múltiplas interpretações. Os porquês da escrita desse artigo já explicitamos no início do texto, informando seus objetivos. Para contribuir na clareza das nossas ideias, vamos explicitar conceitos que embasam nossas ideias.

Primeiro o conceito de conceito. No dicionário de filosofia encontramos que “conceito designa uma ideia abstrata e geral sob a qual podemos unir diversos elementos” (JAPIASSU; MARCONDES, 2001, p. 39). Com base nessa definição, percebemos conceito como ‘uma’ representação, elaborada pelo pensamento, de algo, de um objeto, com o objetivo de construir um nexos entre o objeto de análise e o conhecimento prévio, pois concordamos que

conceitos não ficam guardados na mente como ervilhas em um saco, sem qualquer vínculo que os una. Se assim fosse, nenhuma operação intelectual que exigisse coordenação de pensamentos seria possível... Nem mesmo poderiam existir conceitos isolados enquanto tais: a sua própria natureza pressupõe um sistema (VYGOTSKY, 1987:95).

Nesse sentido, buscamos compreender e explicar¹¹ o sistema e o contexto da internacionalização na educação superior na perspectiva da complexidade, considerando que o termo é relativamente novo (DE WIT, 2013), utilizado em diferentes áreas, cujo

¹⁰ FREIRE, Madalena. Educador, educa a dor, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

¹¹ A ciência pode explicar o modo de funcionar de algumas coisas, pode explicar a dor, mas a explicação é insuficiente para compreender o significado da dor na pessoa. A compreensão que procede por analogia, representações, empaticamente, consegue compreender a dor. A compreensão pode e deve participar do conhecimento científico, psicológico e sociológico, tornando inteligível para um sujeito o que é marcado pela subjetividade e pela afetividade. Com a compreensão há necessidade de explicação, pois os poderes da compreensão são insuficientes para compreender a própria compreensão (MORIN, 1999).

significado está atrelado a intercâmbios econômicos, políticos, culturais entre nações e as relações/desdobramentos/consequências que deles resultam.

A preocupação em conceituar o termo em associações voltadas para a educação superior sinaliza para o crescimento do interesse, como por exemplo, a NAFSA¹²: Associação dos Educadores Internacionais, que elaborou um texto intitulado “Internacionalização Abrangente: do Conceito à Ação”¹³. Ou a Associação de Universidades e Colégios do Canadá (2017)¹⁴, que conceituou como um conjunto de atividades destinadas a fornecer experiências educacionais, em um ambiente que integra uma perspectiva global (KNIGHT & DE WIT, 2017).

Considerando, dialógica e recursivamente¹⁵, que definições podem dar forma a políticas, que a prática pode influenciar em concepções, Knight (2003) sintetizou o espectro do conceito de internacionalização no contexto da educação superior como um processo, no qual são desenvolvidas estratégias para a integração das dimensões internacional, intercultural e global à missão, aos objetivos, ao projeto de desenvolvimento institucional que norteiam o funcionamento das instituições.

Ao analisar o conceito de Knight (2003), é possível inferir que *processo* indica continuidade, sinaliza a demanda de esforço contínuo, devendo ser adequadamente retroalimentado através da avaliação constante das ações realizadas. Processos são recursivos, dependentes/autônomos dos sujeitos neles envolvidos, da sistematização que planejam, das retroalimentações parciais/sistemáticas do seu andamento. A palavra *internacional* se refere às relações entre nações, culturas ou países. *Intercultural* é relativo à diversidade de culturas existentes no mesmo país, comunidades e instituições; *global*, traz o sentido do escopo mundial. Esses termos se inter-relacionam, se complementam, indicando a abrangência e a complexidade do conceito de internacionalização.

O processo tem o objetivo principal de complementar, qualificar as demandas da dimensão local, do contexto de inserção, com a participação em diferentes tipos de cooperações, acolhendo estudantes e professores estrangeiros, buscando parcerias para

¹² Disponível em www.nafsa.org/cizn

¹³ Hudzik, J. Comprehensive internationalization: from concept to action (tradução livre)

¹⁴ Disponível em <https://iau-aiu.net/> acessado em 29/05/2018 (Internationalization of Higher Education: a Handbook)

¹⁵ Princípio recursivo afirma que enquanto se reconstrói conhecimento, também se é reconstruído por esse processo. Sendo assim, o conhecimento é causa e causador de mudanças. (MORIN, 2000).

intercâmbios acadêmicos, a partir de projetos diferenciados, visando contribuir em diferentes demandas e realidades, pois “o fundamento atual da cooperação internacional entre as universidades se baseia na complementaridade de suas capacidades para a realização de atividades conjuntas, com o objetivo de benefício mútuo” (SEBASTIÁN, 2002, p. 3).

A internacionalização enfatiza o relacionamento entre as nações, povos, culturas, instituições e sistemas, contribuindo também, para que, recursivamente

a pauta de competitividade e comércio, por exemplo, frequentemente associada à globalização, tenha um grande impacto no desenvolvimento do ensino transfronteiras. Por sua vez, o crescimento desse ensino e sua inclusão nos acordos comerciais bilaterais e regionais fortaleceram a globalização. (KNIGHT, 2018¹⁶)

Ao termo “globalização” está associada a dinâmica multidimensional, ecológica, cultural, econômica, política e social, autônoma/dependente do contexto de inserção (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003), abarcando um processo que engloba o mundo. A mundialização cultural é dependente/autônoma das formas de comunicação, das redes midiáticas, dos modos de reprodução. A multimídia amplifica os processos uno/diversos, antagônicos, complexos. Trata-se de ir em direção a uma sociedade universal fundada sobre o gênio da diversidade (MORIN, 2018).¹⁷

A dinâmica mundial e os movimentos propiciados pelas mudanças da sociedade nos últimos anos refletem no ambiente institucional das IES com o surgimento de outros modos de gestão de fenômenos emergentes, a fim de atender demandas inerentes às mudanças. A análise crítica sobre os processos de internacionalização perpassa esse panorama.

O foco desse debate está na percepção de que não há fronteiras para a educação. Os avanços na área, bem como os na tecnologia, originaram diferentes possibilidades de cooperação, o que encaminha para a constatação de que a internacionalização, se configurando de diversas maneiras entre os países e as instituições educacionais, está multiplicando intercâmbios econômicos, sociais e educacionais, consequentemente

¹⁶ Disponível em <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/cinco-verdades-a-respeito-da-internacionalizacao> acessado em 29/04/2018.

¹⁷ <http://www.planetaeducacao.com.br/porta/artigo.asp?artigo=619>

contribuindo para a qualidade dos processos de ensino e de aprendizagem e da “leitura do mundo” dos sujeitos envolvidos.

Ele é um processo desencadeado e que se concretiza, geralmente, como afirmam Laus e Morosini (2005)

“em um sistema fortemente regulamentado e centralizado, o processo de internacionalização se **inicia** de maneira induzida e em atenção às prioridades do Estado e se **concretiza** com uma ação concertada entre o governo e as instituições em busca da criação de massa crítica para impulsionar o desenvolvimento nacional” (LAUS; MOROSINI, 2005, p. 122 - **grifo nosso**).

Percebe-se que o processo, muitas vezes, acontece porque vai ao encontro de demandas objetivas, específicas, necessárias. Porém, os seus efeitos podem retroagir sobre as causas, modificando-as, ampliando-as, qualificando-as, em uma espiral ascendente, caracterizando o circuito retroativo de Morin. Como podemos exemplificar, algumas universidades, na busca do reconhecimento positivo dos programas de pós-graduação, a fim de ficarem melhor instrumentalizadas na concorrência dos recursos públicos, investem na qualificação de seu corpo docente e discente, na inserção internacional. (LAUS, 2012). Além de alcançar o motivo que desencadeou a ação, provavelmente, esse processo terá outros desdobramentos, no contexto dos processos de ensino e de aprendizagem.

Coerente com essa estratégia está a ideia de Morin (2003), que propõe inserir o sujeito no centro do conhecimento, proposta que vai de encontro a um dos princípios do paradigma da simplicidade, redutor e disjuntivo, que orientou/orienta o desenvolvimento das ciências, segundo o qual o sujeito deve ser neutro e/ou eliminado do produto do conhecimento, mesmo sendo seu produtor. Essa ideia é reforçada pela orientação, da qual discordamos, para o uso da terceira pessoa do singular em textos científicos, enfatizando a ausência do sujeito da sua obra.

Em uma tentativa de sistematizar manifestações da internacionalização da educação superior, distinguimos dois aspectos do fenômeno que precisam ser analisados dialogicamente, um acontece dentro da universidade, o outro no seu exterior, possibilitando visões complementares que podem refletir algum antagonismo. Essa maneira de abordar a internacionalização encaminha para a compreensão de suas características e para o desenvolvimento de estratégias para direcionar os processos.

No paradigma da complexidade, o princípio hologramático afirma que o todo pode ser maior ou menor que a soma das partes. Considerando essa possibilidade, no caso da internacionalização da educação superior, se as partes forem intencionalmente planejadas, de modo a ir ao encontro de demandas da instituição/comunidade de inserção, coordenado por um grupo, com objetivo comum, que reconstruiu a proposta, ressignificou suas metas, o todo pode resultar maior que a soma das partes. Do contrário, pode ser menor.

A informação, como outros fenômenos, é dependente/autônoma do contexto em que está inserida e do uso que dela se faz, que pode, ou não, resultar em conhecimento pertinente, o que oportuniza apreender problemas globais para neles inserir o conhecimento parcial e local, pois “o conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas” (MORIN, 2000, p.16).

A rápida circulação de quantidades de informações encaminham para a necessidade da reconstrução da aprendizagem de refletir criticamente sobre elas, para que sejam explicadas/compreendidas em um cenário dinâmico, no qual a informação é/pode ser mutante, demandando o uso de estratégias de seleção/inclusão/exclusão/escolhas, alternativas inéditas de compreensão/explicação, construção e reconstrução do conhecimento.

O princípio da auto-eco-organização no paradigma da complexidade, percebe que a descrição ou explicação dos fenômenos precisa associar a dialógica complexa, complementar, concorrente e antagônica (MORIN, 1983), considerando que a explicação dos fenômenos precisa considerar tanto a lógica interna do sistema quanto a lógica externa da situação ou contexto.

Nesse contexto, a universidade, considerando a rapidez das transformações, necessita desenvolver estratégias de reconstrução, ressignificação, atualização e compartilhamento de informações, a fim de (re) configurar os tempos, os lugares e as práticas para a continuidade da produção de conhecimento pertinente. A internacionalização pode contribuir nessa e em outras tarefas inerentes a educação superior.

Mas, como afirma Nóvoa (2015) “[...] não podemos ser ingênuos.” No mundo acadêmico, a internacionalização, especialmente no que se refere a atrair estudantes

estrangeiros, “tornou-se um grande negócio, assegurando mesmo a viabilidade de muitas universidades (p. 69)”. Na conjuntura dos contextos emergentes, de “mudanças”, diferentes/novos desafios demandam outras formas de fazer. A promoção de conferências, tratados, pesquisas, avaliações, acordos de cooperação, mobilidades e intercâmbios, planejamento e desenvolvimento de projetos de cooperação técnica, entre outras estratégias potencializam e qualificam os processos de produção e compartilhamento de conhecimento.

A internacionalização, desenvolvida nesse cenário, pode estar contribuindo para uma mudança paradigmática, encaminhando para a necessidade de promover a reflexão crítica sobre o que o processo significa para as IES, para que e como queremos participar dele, pois

[...] tudo...pode, ao mesmo tempo, se exprimir de forma paradoxal ou antinômica...por exemplo: a civilização contém também a barbárie; a razão, o contrassenso; um contém também o outro; o perfeito é monstruoso; a ordem contém também a desordem; os intelectuais criticam os mitos e os produzem; o progresso do conhecimento faz progredir o mistério...” (MORIN, 1997, p. 64).

Essa ideia, que o mesmo fenômeno pode contribuir para o bem ou para o mal, está também relacionada com o princípio recursivo de Morin (2000), que percebe que “os produtos e os efeitos são, ao mesmo tempo, causas e produtores daquilo que os produziu” (1990, p. 108), negando um determinismo linear. Os efeitos são causados, mas eles são também causas daquilo que os produz numa circularidade recursiva. Interações entre sujeitos constituem a sociedade. A sociedade, por seu turno, produz os sujeitos imprimindo características sociais, culturais, políticas inerentes àquela sociedade.

Nesse contexto, a internacionalização tem se concretizado em diferentes situações, nesses diversos modos de compreender/explicar o conceito e na efetivação das ações, nas quais existem limites e possibilidades. A fim de contribuir para a reflexão, Knight (2011) elencou cinco mitos relacionados ao processo de internacionalização na educação superior.

Os mitos estão relacionados a limites e possibilidades identificados com/na vivência desses processos. O mito um está relacionado com a ideia de que a existência de mais alunos estrangeiros no campus produzirá um currículo e uma cultura institucional mais internacionalizada; O segundo expressa que uma universidade mais

internacionalizada tem uma reputação melhor; O terceiro afirma que quanto maior número de acordos internacionais ou de adesões a redes uma universidade tiver, mais prestigiada e atraente ela será; O quarto percebe que quanto mais estrelas de “acreditação internacional” a instituição tiver, mais internacionalizada ela estará; e por último, que um plano de marketing internacional é equivalente a um plano de internacionalização. (KNIGHT, 2011, p. 14)

É possível perceber que essas afirmações são mitos porque parecem estar amparadas na causalidade linear, que não considera a complexidade dos fenômenos, privilegiando quantidade em prol da qualidade dos processos. A análise de cada mito precisa ser elaborada considerando o contexto da instituição.

De uma maneira mais geral, em relação ao mito um, podemos considerar que muitas vezes os estudantes estrangeiros se sentem marginalizados social e academicamente, vivenciando até tensões étnicas ou raciais. Assim, os estudantes internacionais tendem a se unir, compartilhando experiências interculturais significativas, sem os estudantes locais, não contribuindo para um currículo e uma cultura institucional mais internacionalizada. Sem a participação e o envolvimento com a cultura do país de acolhimento, potencializada por vivências com a comunidade acadêmica local, é provável que o processo cause pouco ou nenhum impacto na cultura institucional.

Uma alternativa para alcançar esse objetivo seria a de desenvolver ações explícitas de prevenção da marginalização social e acadêmica dos estrangeiros, voltadas, inicialmente, para o acolhimento, apresentação e valorização pública da chegada dos estudantes; para o planejamento/execução de estratégias de reflexão crítica sobre pré-conceitos de gênero, raça, etnia, religião, bem como sobre o potencial produtivo de conviver com a diversidade. Além dessas, outras ações voltadas para integração dos sujeitos no cotidiano da IES, precisam ser refletidas e sistematizadas, considerando as subjetividades inerentes a cada contexto e/ou situação. Esse tema será, provavelmente, o de nosso próximo estudo.

Algumas considerações sobre o processo

Nosso objetivo, nesse artigo, foi o de resgatar conceitos relacionados ao tema internacionalização, identificando convergências e divergências, refletindo e analisando criticamente alguns dos desdobramentos do processo nas Instituições de Educação

Superior, utilizando os princípios da complexidade propostos por Edgar Morin para sugerir alternativas de incremento de ações produtivas, voltadas para o uso de sua potencialidade, sinalizando alguns limites.

Buscamos compreender e explicar o fenômeno para nós e também compartilhar, com outros pesquisadores no tema, nossas reflexões críticas a luz do referencial teórico com o qual dialogamos. Percebemos que a compreensão dos fenômenos relativos aos seres humanos ultrapassa a explicação objetiva, porque compreender demanda um conhecimento de sujeito a sujeito, abrange empatia e identificação. O que faz com que se compreenda alguém que chora, não é analisar as lágrimas no microscópio, mas saber o significado da dor, da emoção. A compreensão pode e deve participar de todos os modos de conhecimento, inclusive científicos, dos fenômenos humanos, pois ela é meio e fim da comunicação humana, como afirma Morin (2000).

Conceitos, ações, políticas, são permeados de concepções teóricas, de ideologias, nem sempre conscientes, mas que desencadeiam escolhas de prioridades, metas e estratégias para alcançá-las. O fenômeno abordado, como qualquer outro, pode ser usado para o bem ou para o mal, por isso, desde o início do texto explicitamos que desejamos uma internacionalização que contribua para qualificar processos de ensino, de aprendizagem, de produção e compartilhamento de conhecimento.

Ao longo do nosso estudo, identificamos alguns limites em estratégias para abordar esse tema. Um deles está relacionado com a análise dos benefícios da internacionalização ou com o grau de internacionalidade que, geralmente, tem sido mensurado quantitativamente, avaliado com base no número de estudantes internacionais, de acordos institucionais, de programas educacionais, de projetos de pesquisas. Números apenas.

Nos parece que avaliar o processo utilizando como indicadores de desempenho apenas a quantidade de estratégias utilizadas e/ou de pessoas envolvidas não alcançaria compreender/explicar as contribuições intangíveis, não mensuráveis, qualitativas para alunos, professores, pesquisadores e para a comunidade na qual a instituição está inserida, que pode desfrutar de benefícios indiretos das vivências oportunizadas pelo processo de internacionalização. A intencionalidade desse tipo de ranking parece estar ligada a uma visão de internacionalização como “captação de estudantes estrangeiros com recursos e capacidade financeira”.

Um outro limite é se o processo de internacionalização priorizar a relação entre entrada e saída – uma abordagem quantitativa pautada por números simplificadores, em lugar de uma abordagem qualitativa, orientada para resultados amplos. Exemplos disso envolvem o uso de agentes recrutadores para cursos, problemas com fraude de diplomas, a deficiência no controle da qualidade dos serviços prestados no exterior – sinalizam a necessidade para regulamentação ética da internacionalização.

Muitos esforços têm sido direcionados no sentido de regulamentar as relações que envolvem a internacionalização da educação, visando à garantia ética das relações e da qualidade de ensino, numa seara competitiva. A abertura para a internacionalização da educação demanda regramento ético para que sejam respeitadas a subjetividade, as relações, a cultura, a equidade, determinando critérios avaliativos, de acompanhamento processual, de reconhecimento e divulgação de resultados.

Finalizando, esse texto surgiu da necessidade de refletir criticamente, compreender e explicar complexamente o processo da internacionalização. Percebemos que, muitas vezes, em diferentes situações, utilizamos palavras no nosso discurso, sem refletir criticamente sobre elas, considerando que são conceitos quase óbvios, viabilizados por ações conhecidas no meio acadêmico em que estamos inseridos.

Porém, a compreensão do termo internacionalização como processo, aliada a consideração de contextualização para potencializar a qualidade dos procedimentos para efetivar convênios, grupos de cooperação internacional, entre outros, nos encaminhou para estratégias de situar as demandas institucionais na complexidade dos procedimentos. Nesse sentido, buscamos esclarecer diferentes conceitos do fenômeno, bem como sobre as implicações complexas que podem trazer a vivência de situações nele situadas.

Concluimos, parcialmente, que o processo de internacionalização precisa ser pensado com coerência com os princípios, concepções, visões e interesses da instituição como um todo, acompanhado pela comissão de ética, esquematizadas as ações em uma tabela na qual se possa ter a visão e o acompanhamento das partes e do todo do processo complexo, prevendo possibilidades, possíveis entraves, ou limites, definindo metas e modos de potencializar as experiências, tanto pelos sujeitos diretamente ligados a elas, como na divulgação e promoção de debates.

Pretendemos avançar no tema, investigando entre sujeitos que vivenciaram situações de internacionalização, quais as contribuições que percebem na sua ação profissional trazidas pela experiência. Finalizamos esperançosos, com a ideia de Morin: “ a (nossa) esperança é a ideia que o futuro já que é incerto e já que é desconhecido, pode justamente ser melhor [...]” (MORIN, 2003).

Referências

ARUM, S. AND VAN DE WATER, J. **The need for a definition of international education in U.S. universities.** In C.B. Klasek (ed.) *Bridges to the future: Strategies for internationalizing higher education* (pp. 191-203). Washington, D.C: Association of International Education Administrators, 1992.

BARTELL, M. Internationalization of universities: A university culture-based framework. *Higher Education*. Manitoba, Winnipeg, 2003, p. 37-52.

BIZON, A. C. C. Narrando o exame CELPE-BRAS e Convênio PEC-G: a construção de territorialidades em tempos de internacionalização. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

CAPES. Cooperação Internacional. Disponível em <http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional> acessado em 25/05/2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a pratica.** Olho d'Água, 1998.

DE WIT, H. **Partnerships for the Future: Trends, Challenges and Opportunities.** In:

JOOSTE, Nico; de WIT, Hans; HELETA, Savo (Ed.). *Higher Education: Partnerships for the Future.* Porto Elizabeth: Unit for Higher Education Internationalization in the Developing World, 2015. p. 47-61.

DE WIT, H. **Repensando o conceito da internacionalização.** *International Higher Education*, 20/02/2013. Disponível em <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/repensando-o-conceito-da-internacionalizacao> acessado em 02/06/2018.

GUEDES, Paulo C. *DA redação escolar ao texto.* Porto Alegre: UFRGS, 2007.

HUDZIK, John K. Strategic Institutional Partnerships and Comprehensive Internationalization. In: JOOSTE, Nico; WIT, de Han; HELETA, Savo (Ed.). **Higher Education: Partnerships for the Future.** Porto Elizabeth: Unit for Higher Education

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

KNIGHT, Jane. **The changing landscape of higher education internationalization: for better or worse?** *Perspectives: Policy and Practice in Higher Education*, Manchester, v. 17, n. 3, p. 84-90, Feb. 2013.

KNIGHT, Jane. **International Universities: Misunderstandings and Emerging Models?** Journal of Studies In: International Education, [s.l.], v. 19, n. 2, p. 107-121, 23 Feb. 2015. SAGE Publications. DOI: 10.1177/1028315315572899Internationalization in the Developing World, 2015. p. 23-39.

KNIGHT, J. **Cinco verdades a respeito da internacionalização**, disponível em <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/cinco-verdades-a-respeito-da-internacionalizacao> acessado em abril de 2018.

KNIGHT, J. **Five Myths About Internationalization**. Disponível em <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/8532> acessado em 02/06/2018.

KNIGHT, J. **Un modelo de internacionalización: respuesta a nuevas realidades y retos**. In: Educación Superior en América Latina: la dimensión internacional. Bogotá, Banco Mundial, 2005.

KNIGHT, J. **Updated Internationalization Definition**. International Higher Education. Boston; v. 33, 2003.

KNIGHT, J., WIT, H. de (Eds.) **Internationalization of Higher Education in Asia Pacific Countries**. Amsterdam: Asociación Europea para Educación Internacional, 1997.

LAUS, Sonia Pereira, MOROSINI, Marilia Costa. **Internacionalización de la Educación Superior en Brasil**. In: **Educación Superior en América Latina: la dimensión internacional**. Bogotá, Banco Mundial, 2006, disponível em <http://documents.worldbank.org/curated/en/797661468048528725/pdf/343530SPANISH0101OFFICIAL0USE0ONLY1.pdf> acessado em 30/05/2018.

LAUS, S. P. **A internacionalização da educação superior: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina**. Tese de doutorado. UFBA: Salvador, 2012. Disponível em http://www.adm.ufba.br/sites/default/files/publicacao/arquivo/sonia_pereira_tese_final.pdf, acessado em 31/05/2018.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MORIN, E. **Meus Demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MORIN, E. **O Método III: o Conhecimento do Conhecimento**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, E. **A Cabeça Bem-Feita, Repensar a Reforma - Reformar o Pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000b

MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**. Tradução: Sandra T. Valenzuela. Revisão técnica: Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

MORIN, E. **O Método V: a Humanidade da Humanidade: a Identidade Humana**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MOROSINI, M. **Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior** Conceitos e práticas-Educar, Curitiba, n. 28, p. 107-124, 2006. Editora UFPR. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a08n28.pdf> acessado em maio de 2018.

MOROSINI, M. **Internacionalização na produção de conhecimento em IES brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal.** Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 93-112, abr. 2011.

MOTTA, R. A. **Tecnologia educacional na educação superior: cenários da educação a distância e a avaliação institucional.** In: COLOMBO, Sonia S. (Org.). Gestão universitária: os caminhos para a excelência. Porto Alegre: Penso, 2013.

NÓVOA, A. O sentido da internacionalização: na viagem. Na criação. No conhecimento. No encontro. Na paz com os outros e na paz com a Terra. IN: MOROSINI, M. (Org.). Fórum Latino-Americano de Educação Superior: SP: São Carlos: Pixel, 2015, p.67-74.

OLIVEIRA, A.R.M. de. **Internacionalização da educação: indicadores para a educação superior.** Disponível em http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/06.pdf acessado em 31/05/2018.

RUDZKI, R E J. **The strategic management of internationalization: towards a model of theory and practice.** 1998. 331 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia na Faculdade de Educação, University of Newcastle. Reino Unido, 1998.

TEICHLER, Ulrich: The Changing debate on Internationalization of higher education. Higher Education, nº 48, p. 5-46, 2004.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI; visão e ação, marco referencial de ação prioritária para a mudança e o desenvolvimento da educação superior,** 1998. Disponível em http://unesdoc.unesco.org/Ulis/cgi-bin/ulis.pl?catno=140457&set=4F206AA3_2_60&gp=&lin=1&ll=f acessado em 28/05/2018.

UNESCO. **Conferencia Mundial sobre la Educación Superior – 2009.** Disponível em http://www.unesco.org/education/WCHE2009/comunicado_es.pdf acessado em 28/05/2018.

VYGOTSKY, LEV S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 3ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SEBASTIAN, Jesús, La internacionalización de las universidades como estrategia para el desarrollo institucional. Innovación Educativa [en línea] 2005, 5 (Mayo-Junio) : [Fecha de consulta: 16 de julio de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=179421475009>> ISSN 1665-2673